

POSSIBILIDADES E OPORTUNIDADES FORMATIVAS A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO: A PESQUISA EM FOCO

Wesley Jonh da Silva Fontes¹
Raquel Conceição de Moura Cavalcante²

INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado obrigatório na Educação Infantil e Ensino Fundamental I compõe a matriz curricular do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, e lança meio de experiências essenciais para a formação inicial do professor. De acordo com Fontes (2017, p. 08) “o sujeito aprendiz deve, em primeira instância, condicionar a sala de aula ao seu favor aproveitando-a como espaço rico em possibilidade de gerar saberes formativos”. Nesse sentido, cabe destacar que a unicidade entre o estágio e a pesquisa é capaz de construir bases fundamentais ao exercício e profissão docente.

Nessa perspectiva, a predileção pela referida temática surgiu a partir do confronto de experiências como estagiário, através da disciplina Prática Supervisionada Obrigatória, com discussões realizadas em momentos formativos diversos. Elegeu-se como ponto de partida para fomentar reflexões aqui pertinentes, a da sala de aula como espaço de pesquisa.

A questão problemática desse recorte expressa a seguinte indagação: Qual o lugar da pesquisa no estágio supervisionado, tendo em vista a formação docente? Como questão norteadora, emergem a interrogativa: Quais as oportunidades formativas vislumbradas no estágio a partir da prática de pesquisa?

Diante dessas prerrogativas, procurou-se como objetivo geral discutir a importância da prática de pesquisa no campo do estágio supervisionado a partir de relatos de experiência. Como objetivos específicos, se buscou destacar as possibilidades e oportunidades formativas a partir da prática de pesquisa no estágio supervisionado; e evidenciar a relação do estágio com pesquisa, com vistas aos saberes necessários à formação docente.

A partir dos relatos de experiência, se pode afirmar que o lugar da pesquisa é lado a lado com o estagiário desde o primeiro contato com a escola e sala de aula para a observação, até a articulação do planejamento e execução da prática pedagógica. A organização do estagiário para atuar no âmbito escolar é fundamental para a oferta de um serviço de qualidade e garantia do desenvolvimento profissional.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Essa pesquisa é de natureza qualitativa, onde Oliveira (2008) caracteriza como possibilidade de interpretação do objeto de estudo, no qual a subjetividade é enfatizada durante o processo de compreensão dos significados da temática investigada. Também se define como pesquisa bibliográfica que para Gil (2002, p. 44) é “desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e monografias científicas”. A

¹ Pedagogo graduado pelo Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Pós-Graduando no Curso de Psicopedagogia Clínica e Institucional – Faculdade Metropolitana, Pós-Graduando em Docência do Ensino Superior – Faculdade Metropolitana, wesley332.john@outlook.com;

² Pedagoga graduada pelo Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Pós-Graduanda pelo Curso de Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade Metropolitana, raquelcavalcante1313@outlook.com

pesquisa pode ter como alicerce de construção diversas obras com temáticas diversas escritas e disponibilizadas para estudo e fundamentação. Quando o autor se identifica com um tema, deve procurar por aportes teóricos que dialoguem com a sua abordagem, a fim de ter coerência, fundamentação e ideias no desenvolvimento da pesquisa.

Esse recorte se delinea em Relatos de Experiência que com base em Fontes (2017) consiste em uma construção, organização e descrição da trajetória com o objeto de estudo, onde se delimitam as vivências e experiências que fizeram parte da relação do pesquisador com as escolhas, interações, os percursos, metodologias, ações e práticas realizadas no contexto de pesquisa. Esse resumo expandido se debruça nos estudos de Pimenta e Lima (2009), Sabino, Lima e Silva (2013), Teixeira (2008), Borssoi (2008), dentre outros.

DESENVOLVIMENTO

A pesquisa é um “camaleão” repleto de cores e camuflagens, mas não se trata de uma estratégia de caça ou defesa, pois esse método não faz parte do conjunto de espécies da fauna. O camaleão e a pesquisa habitam universos distintos, onde um é real e o outro abstrato, no entanto compartilham da mesma possibilidade de fazer parte e se adequar aos diversos cenários em que se encontram. Isto é, se esse réptil assume diferentes tons de verde, rosa, azul ou amarelo para cada galho, folhagem e tronco de árvores que percorrem, a pesquisa surge no contato com as interações humanas e diversos são os contextos em que assume formas e finalidades distintas.

Sem dúvidas, a pesquisa está em toda parte do âmbito social e, é uma das premissas que norteiam as relações do indivíduo com o objeto em estudo, análise ou investigação. Seja na busca por receitas de comida, produtos de limpeza ou um tutorial de maquiagem, ou para a resolução de atividades concernentes a escola, universidade e laboratórios, os processos metodológicos que constitui essa prática são determinados de acordo com o objetivo, indo de atividades simples às mais rigorosas.

Na formação inicial do professor é consensual que se apregoe a importância da prática de pesquisa. Sabino, Lima e Silva (2013, p.54) ressaltam que “por certo que os cursos de licenciatura se apresentam como campo fértil para que isso ocorra, uma vez que os professores universitários e os graduandos se encontrariam mobilizados por um objetivo comum: a busca pelo saber”. A pesquisa é um método comum no contexto acadêmico na articulação e execução das atividades formativas, e de acordo com os autores, envolve uma relação com a construção de conhecimentos.

E por falar em construção de saberes, Teixeira (2008) enfatiza que a pesquisa visa produzir novos saberes e não reproduzir o que já se sabe sobre dado objeto em um determinado campo científico. Nesse sentido, com base na afirmação do autor, os acadêmicos precisam atuar como protagonistas na construção do saber e reconhecer a pesquisa como possibilidade de desenvolvimento profissional.

Conforme Fontes (2017, p.07), “constituir-se professor na atualidade, implica ressaltar o estágio supervisionado como importante componente curricular para a formação”. O estágio supervisionado é citado pelo autor como o momento em que o aluno tem a possibilidade de alicerçar teoria e prática para produzir conhecimentos e construir bases formativas. Essa afirmação eleva o conceito que se tem de estágio, pois não se trata da “hora do recreio” ou somente um cumprimento burocrático de carga horária, mas de ação mediante a investigação, questionamento e reflexão.

O estágio possibilita, parafraseando Pimenta e Lima (2009, p.100), uma qualificação focalizada em questões básicas de alicerce, onde o aluno pode tecer os fios da aprendizagem e compreender “o sentido da profissão, o que é ser professor na sociedade que vivemos, como ser professor, a escola concreta, a realidade dos alunos e professores nas escolas”. As autoras

elencam uma amplitude de possibilidades no desenvolvimento formativo, reafirmando a ideia de que o cotidiano da sala de aula pode ser enriquecedor por intermédio da pesquisa. Isso significa que independente da escola, sala de aula ou contexto, o estagiário está diante de uma ampla oportunidade de contemplar horizontes distintos ao mesmo tempo que essenciais.

Parafraseando Sabino, Lima e Silva (2013, p.55) “O estágio com pesquisa possibilita ao futuro professor, por meio de uma prática de investigação, análise, reflexão e crítica da realidade, favorecer a elaboração de novas maneiras de ensinar, arcabouço que o discente levará para toda a sua vida profissional”. A afirmação dos autores evidenciam a relevância do encontro – estágio e pesquisa – com o vir-a-ser professor. A formação do “ser professor” é construída (e enriquecida) nas experiências e interações em contato com o outro. A prática da investigação, análise, reflexão e crítica na sala de aula permite uma travessia por “terras produtivas”, que ao serem promovidas pelo estagiário, não ampliam somente a didática com métodos e técnicas no momento de ensinar, mas compreender os sentidos e significados da profissão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os contos de fadas são compostos por uma diversidade de personagens fictícios envolvidos nas tramas ambientadas em desfechos com sucessivos “finais felizes”. A fantasia e o faz de conta divide o espaço com encantos, desencantos, aventuras, emoções, brincadeiras, expectativas, obstáculos e desafios que são aspectos ou características permanentes nas narrativas. Os autores estruturam os fatos respeitando uma sequência de ordem cronológica composta por “começo, meio e fim”, onde uma série de eventos e acontecimentos dão vida e identidade a todos os personagens de acordo com o enredo.

Nesse sentido, assim como os contos de fadas, o estágio supervisionado compartilha desse misto de sentimentos e da forma como é organizada. É o momento que pode haver dúvidas, incertezas e expectativas no primeiro contato com a sala de aula. Esse universo faz parte do enredo de um livro da vida real, onde o estagiário é personagem e autor da própria história, e pode dar vida às linhas e letras que são escritas juntamente com professores, alunos, comunidade escolar, universidade e família.

Mas como toda história, conforme dito anteriormente, possui início, meio e fim, a do estagiário começa com a observação, e nesse período de acordo com Fernandes e Nascimento (2012, p.03), implica em “conhecer a teia de relações que há no espaço escolar, compreendendo assim, a dinâmica da instituição de ensino, percebendo os limites e as possibilidades para o desenvolvimento do trabalho pedagógico”. Os autores situam e identificam o lugar da pesquisa durante a observação do âmbito escolar. Ou seja, o aluno deve conhecer para se familiarizar com o local de estágio e se adequar às possibilidades, limites e dinâmicas do fazer pedagógico. Os relatos de experiências abaixo correspondem com essa prática citada pelo autor, pois:

[...] Ao chegar às escolas onde estagiei nas turmas do Jardim I e Ensino Fundamental I, busquei primeiro, investigar a realidade para saber com o que ia lidar. Notei que no ambiente faltava estrutura física, recursos didáticos e pedagógicos, mas não me intimidei com a situação. Eu sabia do meu papel como estagiário e futuro professor, e só pensava em formas de contribuir com a aprendizagem dos alunos sem que tudo isso me atrapalhasse.

[...] Em outro momento, quando cheguei à sala de aula para observar os alunos, foi comum tanto no Jardim I como no 3º ano do ensino fundamental, observar o comportamento dos alunos com as professoras (e vice-versa) e a didática utilizada. Constatei na observação de ambos os contextos, a indisciplina, desmotivação e desatenção com os estudos e atividades. Por isso, percebi que os

desafios eram muitos e maior era a minha força de vontade em traçar estratégias para tentar mudar aquele quadro comportamental das crianças.

[...] Para tratar cada aluno de acordo as suas especificidades, é necessário que a pesquisa se amplie e o professor busque por todas as informações possíveis para saber como intervir. As professoras e a família, em diálogos diversos, me falavam sobre o comportamento e o dia a dia dos alunos. Além disso, busquei construir vínculos afetivos tanto com os alunos, como professoras e família. Queria exercer um trabalho democrático, e desatei todos os nós da possibilidade de individualidade, pois se trata da minha formação e de uma carreira que vou ingressar no futuro.

A partir dos relatos acima, constata-se a utilização da prática de pesquisa no momento da observação do estágio supervisionado. O que permitiu afirmar que o professor em formação deve se incluir no contexto da sala de aula como agente que veio para contribuir com a aprendizagem do aluno e construir bases para a sua formação. Conforme Fontes (2017, p.08) “A observação destina tempo necessário para estabelecer aproximações e adaptar-se ao meio conhecendo as práticas desenvolvidas pelos professores, a realidade, desafios e o público participativo daquele contexto”.

O autor destaca a funcionalidade da observação da sala de aula no estágio, e com base na constatação do autor, se percebe que essa análise é importante para que o momento da regência seja realizado de forma familiarizada com o planejamento e execução da prática pedagógica. Para que isso aconteça é necessário que se parta do pressuposto que o estágio é o momento destinado a uma atuação ativa do ponto de vista “que possa perceber os desafios que a carreira oferecerá, refletindo sobre a profissão que exercerá, integrando – o saber fazer – obtendo (in)formações e trocas de experiências” (BORSSOI, 2008, p.2).

O autor estabelece que a vivência no estágio amplia os horizontes formativos com a carreira docente. Ou seja, traça uma dimensão de aprendizagem que parte do saber ao saber fazer, onde o estagiário vai ter noção do que vai lidar na docência. É vivenciar o presente com os olhos no futuro, pois os desafios e prática pedagógica vai exigir que o professor coloque a “mão na massa” e contribua com aulas, com base em Fontes (2017), a altura do que a aprendizagem e especificidades dos alunos podem exigir. Nesse caminho, os relatos abaixo evidenciam uma articulação da pesquisa com a realidade escolar onde a atuação frente aos desafios, e os vínculos afetivos construídos foram fundamentais oportunidades para o conhecimento da futura profissão e na formação de habilidades:

[...] Após a consciência que tive de realidade da escola e sala de aula, já tinha clara a constatação de quem não poderia combater desmotivação, desinteresse e indisciplina com métodos tradicionais ou práticas pautadas na mesmice. No planejamento das aulas sempre buscava auxílio e opinião das professoras e partia do que também gerava interesse e gosto nos alunos, sempre guiado pela ideia da construção e atuação coletiva. Estava chegando a minha vez de ministrar aulas, e uma magia como nos contos de fada não ia acontecer para que os alunos prestassem atenção, ficassem quietos e demonstrassem interesse pelo conteúdo.

[...] Foi então onde percebi através da pesquisa que teria que inovar nos métodos e nas técnicas, e tudo isso iria acontecer de forma integrada à análise feita da sala de aula e com recursos que todo professor pode conseguir sem dificuldades. Utilizei como apoio para me acompanhar durante as aulas, muitas tampas de garrafa, dobraduras, rodas de madeira, fantoches, dedoches, sementes, frutas, plantas, flores, carretéis de linha, palitos de dente e dentre outros. Sempre inserindo os alunos ao universo lúdico e deixando manusearem os objetos como forma de construir o conhecimento conjuntamente.

[...] Produzi e executei uma aula que agregava o simples, na sua rica em aprendizagem com muita força de vontade, e posso afirmar que apesar não viver em um conto de fadas, fez com que a magia da construção do saber acontecesse unindo

os conteúdos ao lúdico, realizando contação de histórias e dinâmicas com jogos e brincadeiras. Os alunos gostaram e sempre demonstravam curiosidade com as atividades do dia seguinte. Aos poucos fui conquistando a participação, envolvimento e disciplina em sala de aula. Cumprir o meu papel como professor em um contexto desafiante, possibilitou noções da minha futura profissão.

[...] Eu também percebi que estava agindo com autonomia e pesquisa, e sem dúvidas me trouxe benefícios. Mas o sucesso na minha trajetória no estágio alicerçou bases, tanto o que aprendi da universidade, como da escola com professores e alunos forneceram aportes valiosos que serviram de base para atuar na docência.

.Os relatos de experiências acima são registros que demonstram a importância do “professor pesquisador”, pois uma aula de qualidade e comprometida com o processo de ensino e aprendizagem é aquela que é construída através da investigação, para ir de encontro a métodos e técnicas adequadas de ensino. É dessa forma que a formação docente acontece, isto é, professor deve mobilizar e aproveitar as oportunidades formativas independente do contexto, pois as salas de aulas não são homogêneas e quaisquer que sejam as escolas que for atuar, os desafios podem se fazer presentes. Por isso, cabe aproveitar o momento do estágio supervisionado para obter a consciência da futura profissão por intermédio da pesquisa, visto que o professor pode desenvolver autonomia, os vínculos afetivos, a democratização do ensino e a construção coletiva no trabalho paralelo aos desafios que acontecem no contexto escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos estudos promovidos, para a problemática “Qual o lugar da pesquisa no estágio supervisionado, tendo em vista a formação docente?”, observa-se que o lugar da pesquisa é lado a lado com estagiário desde o primeiro contato com a escola e sala de aula para a observação, até a articulação do planejamento e execução da prática pedagógica. A organização do estagiário para atuar no âmbito escolar é fundamental para a oferta de um serviço de qualidade e garantia do desenvolvimento profissional.

Com relação ao objetivo geral “discutir a importância da prática de pesquisa no campo do estágio supervisionado a partir de relatos de experiência.”, podemos afirmar que os relatos destacaram que a pesquisa é indispensável, enriquecedora e formativa para o professor e o aluno. Ao adentrar no estágio supervisionado, o estagiário deve valorizar tal prática, intercalando a investigação com o fazer pedagógico, pensando não só contribuições para si como “agente aprendiz” enquanto “professor em formação”, mas principalmente para o processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

Com relação ao objetivo específico “destacar as possibilidades e oportunidades formativas a partir da prática de pesquisa no estágio supervisionado?”, se pode afirmar que a busca e atenção voltada para as interações e construção de vínculos afetivos com as professoras titulares, os alunos e corpo pedagógico são essenciais para a formação docente, tendo em vista que o trabalho coletivo garante a eficiência da prática docente em sala de aula, desenvolvendo a noção de que na futura profissão se deve predominar o trabalho em equipe. Os desafios a partir da desmotivação, desinteresse e a indisciplina do aluno diante de um quadro desfavorável em termos de situação física, didática e pedagógica da escola, também contam como possibilidades e oportunidades formativas, a fim de qualificar o professor para uma atuação comprometida com a realidade escolar. Em outras palavras, atuar com ética e compromisso no presente pensando o futuro é ter noção do quanto é desafiante a missão como futuro educador.

Para o objetivo específico “evidenciar a relação do estágio com pesquisa, com vistas aos saberes necessários a formação docente”, podemos constatar que essa relação deve ser

mantida (e valorizada) do começo ao fim do estágio, pois a escola é um *lócus* onde o aluno pode utilizar a vivência da sala de aula como subsídio formativo, trabalhando a pesquisa com autonomia, questionamentos e reflexões que auxiliem na compreensão do seu papel como ser-que-constrói e além disso, entender que “ser e qualificar-se professor”, trata-se de um processo contínuo e, nesse sentido, não só a sala de aula o espera no futuro como utilização da prática de pesquisa como método e possibilidade de aprendizagem.

Essa pesquisa contribui com diversos saberes aos professores em formação através da pesquisa associada ao estágio, com vistas ao enriquecimento da formação docente. Assim como os profissionais já atuantes na docência, considerando a possibilidade da investigação como método de aprimoramento teórico-prático. São relevantes estudos que associem a pesquisa ao estágio supervisionado, considerando a mudança de concepção desse período como alicerce, base e parte integrante da formação do educador.

Palavras chave: Educação Infantil; Ensino Fundamental I, Estágio Supervisionado, Relatos de experiência.

REFERÊNCIAS

BORSSOI, Berenice Lurdes. **O estágio na formação docente:** da teoria a prática, ação-reflexão. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO; SEMANA DA PEDAGOGIA, Cascavel: Unioeste, 2008. Disponível em: <http://www.unioeste.br/cursos/cascavel/pedagogia/eventos/2008/1/Artigo%2028.pdf>. Acesso: 11 Ago. de 2017.

FERNANDES, Jéssica Luana; NASCIMENTO, Lívia Sonalle do. **O estágio como campo de pesquisa e a sua contribuição para a construção da identidade profissional docente.** Campina Grande: Realize, 2012

FONTES, Wesley Jonh Silva da. **Estágio como espaço de formação e pesquisa:** um encontro com o vir-a-ser professor. Artigo. (Graduação em Pedagogia). Universidade Estadual do Piauí. 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de Oliveira. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. **Revista Travessias**, Paraná, v. 2, n. 3, p. 13-20, nov. 2008.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência;** – 4. ed. – São Paulo: Cortez, 2009.

SABINO, Isabel; LIMA, Lidiane Sousa; SILVA, Silvina Pimentel. Estágio supervisionado e pesquisa: Perspectivas e dilemas de uma experiência. **Revista Formação docente**, Belo Horizonte, v. 05, n. 09, p. 52-65, jul./dez. 2013.

TEIXEIRA, Artur José. **O que é pesquisa? Para que?** Disponível em: <http://metodologiadapesquisa.blogspot.com.br/2008/06/pesquisa-para-que.html>. Acesso em: 27 Jul. 2017.